



## **CURSO DE EXTENSÃO DE PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA (L2): A CONCEPÇÃO DOS ALUNOS SURDOS**

Marcilene França da Silva Tabosa (1) Márcia de França da Silva (1) Gabriela Rodrigues Ferreira (2) Tatiana Carolaine da Silva Gomes (3) Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Gosson Gadelha de Freitas Fortes (4)

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN.*

*E-mail: marcilene.silva@ifrn.edu.br/ marcia.franca@ifrn.edu.br/ vanessa.fortes@ifrn.edu.br*

### **Resumo**

A inclusão de alunos surdos no ensino regular nos diversos níveis de ensino requer da instituição transformações substanciais para que a inclusão seja significativa. Um dos aspectos a serem observados nesse contexto é o conhecimento que o discente surdo apresenta sobre a Língua Portuguesa como segunda língua, que se configura – em sua maioria – como uma grande dificuldade do aluno surdo, já que a Libras é a sua língua materna. Nesse contexto, o IFRN/NAPNE em parceria com a UFRN desenvolveu um curso de extensão intitulado “Português para Surdos como L2”, que teve como intuito contribuir com o ensino-aprendizagem dos alunos surdo da Língua Portuguesa escrita, leitura e compreensão de textos. Essa pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de identificar as contribuições desse curso na perspectiva dos alunos surdos. É uma pesquisa de natureza quali-quantitativa, cujo procedimento de coleta de dados foi um questionário estruturado de perguntas abertas e fechadas com 13 surdos participantes do projeto. Concluímos que o projeto aqui exposto resultou em uma aprendizagem significativa para esses alunos, resultando na aprovação de alguns participantes nos cursos da UFRN e do IFRN.

**Palavras-chaves:** Surdez, Projeto de Extensão, Português como segunda língua (L2).



## Introdução

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) “é a forma por excelência pela qual a criança surda pode adquirir a linguagem de forma natural e que lhe permite um desenvolvimento integral e sem limites (MOURA, 2014, p. 14).” Essa língua foi reconhecida como meio de comunicação e expressão dos surdos pela lei nº 10.436 em 24 de abril de 2004 (BRASIL, 2002). Essa lei foi regulamentada pelo decreto 5.626/05 dando garantia de direito ao estudante surdo de ter um ensino bilíngue nas escolas públicas e privadas, por meio da oferta obrigatória, “desde a educação infantil, o ensino da Libras e da Língua Portuguesa, como segunda língua para alunos surdos” (BRASIL, 2005).

No âmbito da educação dos surdos, atualmente, predomina a educação bilíngue que considera que “os surdos devam desenvolver a língua de sinais como primeira língua (L1) nas relações sociais estabelecidas (LODI, 2014, p. 166)”. Partindo desse desenvolvimento na primeira língua (L1) o surdo pode iniciar sua aprendizagem na Língua Portuguesa, na modalidade escrita, porém, essas duas línguas se diferenciam estruturalmente e funcionalmente, fazendo com que o sujeito surdo tenha uma maior dificuldade de aprendizagem e para “(...)apropriar-se da linguagem escrita exige da criança um alto grau de abstração em relação ao mundo e aos objetos, alcançando, unicamente, no decorrer do desenvolvimento da LIBRAS.” (LODI, 2013, p.172)

O sujeito surdo possui particularidades em sua aprendizagem na modalidade escrita da Língua Portuguesa, mas precisamos considerar que “[...] a produção escrita dos alunos surdos sempre será de um “estrangeiro” usuário da língua portuguesa. Desta forma, ao ter a LIBRAS como base, suas marcas poderão ser sentidas nos textos por eles escritos.” (LODI, 2014, p. 180). Por esse motivo, compreendamos que o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa pelos surdos se dão como segunda língua, e as diversas estratégias educacionais necessitam considerar o desenvolvimento linguístico desse sujeito.

Pensando nisso e buscando diminuir as dificuldades enfrentadas pelos alunos surdos quanto a aprendizagem da Língua Portuguesa como segunda língua, ratificadas nas preocupações constante dos educadores desses alunos, em relação a escrita, leitura e a compreensão de textos da língua portuguesa em sala de aula, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), por meio do Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educativas Específicas (NAPNE) em Parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) através do Curso de Licenciatura em Letras-Libras,

(83) 3322.3222



criaram um projeto de extensão intitulado “Português para Surdos como L2”, que teve como objetivo contribuir com o ensino da Língua Portuguesa escrita, bem como a leitura e compreensão de textos pelos alunos surdos.

O projeto teve duração de três meses, iniciando no dia 26 de março, com duas aulas por semana com duração de três horas e meia, finalizando no dia 20 de junho. O local da realização do projeto foi na sala de reuniões do Núcleo (NAPNE), com certificação de 60h. Teve como público alvo os alunos surdos que estudam no IFRN-CNAT e com os da comunidade externa.

As aulas ministradas no projeto valorizaram e consideraram os conhecimentos prévios dos alunos (AUSUBEL, 1982), para tanto a professora **Ga<sup>1</sup>** começou suas aulas com o tema “Vogais, consoantes e formação de palavras”, descobrindo assim o nível linguístico de cada aluno. Esse início foi pertinente para a organização metodológica dos conteúdos que seriam posteriormente abordados em aula. Feita essa sondagem foi possível adequar a metodologia ao conhecimento dos alunos e avançar nos conteúdos.

Os conteúdos abordados em sala de aula proposto foram: Formação de palavras, Produção de textual, Leitura e escrita, interpretação de legenda de propagandas e vídeos e leitura e interpretação de texto da Literatura Infantil. Esses conteúdos foram pensados e elaborados como estratégias que exploram o conhecimento, que não se limitam em vocabulários e palavras soltas, mas que fazem com que os alunos surdos possam explorar novas formas de aprendizagem, sobre essa metodologia de ensino Quadros e Schmidt (2006, p. 74) diz:

O profissional que trabalha a Língua Portuguesa com surdos sabe da importância que tem a ampliação e fixação de vocabulário para o desenvolvimento da leitura e escrita dos mesmos. Sabe também que trabalhar com listas de palavras soltas, fora de um contexto, não produz bons resultados na aprendizagem de uma língua, então comumente as "palavras novas" são trabalhadas partindo-se de textos.

O projeto teve início com seis alunos e se consolidou com 16 alunos surdos com uma boa frequência e desempenho nas aulas. Cada aula buscou trabalhar a autonomia e o interesse dos alunos para questionar e responder sobre o que foi desenvolvido em sala, objetivando eliminar estigmas negativos que pairam sobre o aprendizado do aluno surdo em relação à Língua Portuguesa.

---

<sup>1</sup> Sigla do nome da professora do curso.

Devido à pertinência do projeto de extensão, a equipe responsável pelo curso desenvolveu uma pesquisa junto aos alunos surdos, cujo objetivo foi o de conhecer as contribuições do curso de Língua Portuguesa como L2 na concepção desses discentes.

A pesquisa empreendida foi de natureza quali-quantitativa, que segundo Fonseca (2002, p. 20) permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente”, e para Minayo (2000, p. 22), o uso de dados quantitativos e qualitativos, “[...] não se opõem. Ao contrário, se complementam, pois, a realidade abrangida por eles interage, dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia”.

Essa pesquisa foi desenvolvida no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, no campus Natal Central – CNAT, por meio do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais – NAPNE.

Atribuímos como critérios de inclusão na pesquisa, os sujeitos participantes do projeto e como procedimento de coleta de dados utilizamos o questionário estruturado, que segundo Marconi e Lakatos (1996, p. 88) é uma “[...] série ordenada de perguntas, respondidas por escrito sem a presença do pesquisador”. Foi entregue o questionário aos alunos do projeto no último dia de aula, com o auxílio de dois intérpretes de LIBRAS e a professora ministrante do projeto, e os alunos responderam a todas as questões propostas.

Aplicou-se um questionário com seis questões, sendo três objetivas de múltipla escolha e três subjetivas. Foram treze surdos participantes do projeto que responderam ao questionário.

## **Resultados e Discussão**

O questionário elaborado teve como primeira pergunta a idade dos participantes para que possamos ter uma estimativa de idade dos alunos do projeto e os sujeitos da pesquisa. Assim a idade dos participantes foi entre 16 a 33 anos, com uma média de 20 anos de idade, consideramos uma turma de surdos jovens e adultos.

Na segunda questão perguntamos se o aluno considerava importante estudar a Língua Portuguesa e o porquê. Conforme podemos observar no gráfico a seguir, todos os alunos surdos responderam afirmativamente sobre a importância do estudo da língua em questão.



Acha importante estudar português?

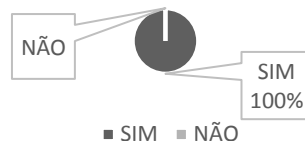


Gráfico 1 – A importância do estudo da Língua Portuguesa.  
Elaborado pelos autores.

Quanto à justificativa das suas respostas, destacamos algumas falas, tais como:

“Porque importante é estudar, tenho interesse aprender em português, bom estudar para surdos” (JJ<sup>2</sup>)

“Importante aprender estudar português a surdos. Porque surdo não sabe precisar estudar leitura e escrita português frases.” (MM)

“Eu quero mais aprender de português, mas não conheço palavras, só alguns que preciso conhecer mais de português.” (RR)

Podemos observar que além de considerar importante, eles demonstram interesse e necessidade de aprender a língua na modalidade escrita, o aluno MM frisa que “surdo não sabe precisar estudar leitura e escrita português frases” ou seja, “o surdo não sabe ler nem escrever na língua portuguesa, precisa estudar”, esse pensamento nos remete a precária tentativa de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa escrita, que eles receberam ao longo de seu percurso escolar, que segundo para Quadros e Schmidt (2006, p. 23):

[...] a aquisição do português escrito por crianças surdas ainda é baseada no ensino do português para crianças ouvintes que adquirem o português falado. A criança surda é colocada em contato com a escrita do português para ser alfabetizada em português seguindo os mesmos passos e materiais utilizados nas escolas com as crianças falantes de português.

Alfabetizar e letrar os sujeitos surdos utilizando o mesmo método dos ouvintes não surte o efeito desejado, pois a tentativa de normalizar esses alunos de fazê-los se adequar ao padrão culto da Língua Portuguesa durante muitos anos fracassou, “[...] é hora de aceitar definitivamente que os surdos, pelo direito de serem surdos, não podem em nenhum caso alfabetizar-se como o fazem os ouvintes, ou seja, não podem ‘conhecer’ as letras por seus sons, [...] para aprender a escrever” (SÁNCHEZ, 1999, p.44). Por isso se faz necessário uma aprendizagem que busque as necessidades desses sujeitos, que faça com que esses alunos aprendam de forma peculiar tendo seu processo linguístico respeitado.

<sup>2</sup> Buscando preservar a identidade dos participantes utilizamos letras aleatórias do alfabeto como referência dos nomes dos alunos. As falas foram transcritas tal como foi respondida pelos alunos.

A terceira pergunta versou sobre se os alunos utilizavam o conhecimento do português aprendido em sala de aula em situações do seu dia-a-dia, em caso afirmativo, citassem um exemplo.

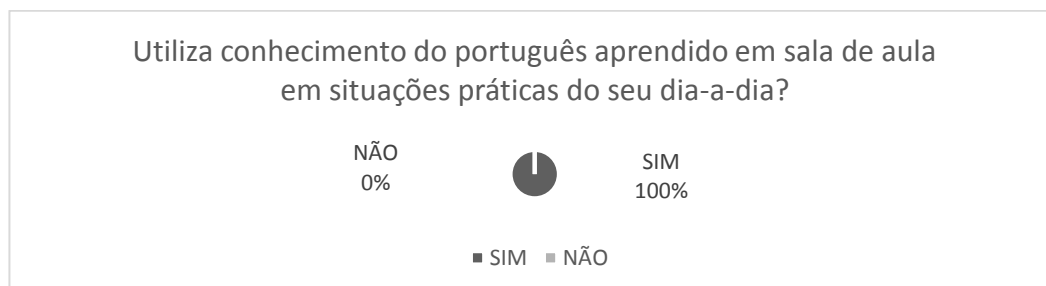


Gráfico 2 – O uso do português aprendido em sala em situações do dia a dia do surdo. Elaborado pelos autores.

Podemos observar no gráfico acima que 100% dos alunos utilizam o que aprenderam em sala de aula no dia a dia. Para fins deste artigo, selecionamos três respostas que consideramos pertinentes, a primeira delas o aluno FF diz que a utiliza nas redes sociais, o que facilita o processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa como L2, pois segundo Arcoverde (2006, p. 256),

[...] a escrita, através da Internet, possibilita ao surdo escrever o português e pensar em português, fazendo uso social da linguagem escrita incorporada a uma necessidade discursiva. Nesse caso, podemos verificar que os surdos, quando vivenciam essa experiência, podem penetrar numa situação concreta de enunciação e usar a linguagem escrita em língua portuguesa para interagir com os outros.

Outra resposta selecionada nos mostra como o aluno utiliza o aprendizado da língua portuguesa no seu dia a dia:

“Quando eu falo com uma pessoa trabalha no Midway como eu falo com ela, então eu escrevo mensagens. Professora Ga<sup>3</sup> em ensinar as palavras eu não conheço as coisas, ainda tô aprendendo em Português”. (PP)

Nessa resposta podemos observar que o aluno PP utiliza a Língua Portuguesa escrita para se comunicar com pessoas que trabalham no Midway, um shopping da cidade de Natal/RN, por meio de mensagens, cita a professora que ministrou as aulas do projeto e

<sup>33</sup> Apesar do aluno mencionar o nome completo da docente em sua fala, devido a prerrogativa de preservar a identidade dos pesquisados e participantes da pesquisa, utilizamos na transcrição apenas as duas primeiras letras do nome da professora.

termina dizendo que não conhece muitas coisas (palavras) e ainda está aprendendo a língua portuguesa.

A utilização do português escrito para comunicação com pessoas ouvintes é uma alternativa comum entre os surdos, que sem o auxílio de um intérprete precisam se comunicar em diversos ambientes, e com a tecnologia a comunicação desses sujeitos teve um grande avanço. Nesse sentido Stumpf (2010) afirma que para os surdos o uso do computador e da internet possibilitou novas forma de comunicação, já que são tecnologias acessíveis visualmente. Declara ainda que “[...] se para os ouvintes, elas abriram perspectivas que levaram a modificações profundas nos usos e costumes de toda a sociedade, para os surdos, essas mudanças podem ser ainda mais significativas” (op.cit, p.10).

Na quarta questão, realizamos perguntas objetivas de múltipla escolha. Perguntamos quais os conteúdos da Língua Portuguesa, como frase e orações, pronomes, adequação vocabular, textos e contextos, pontuação, concordância verbal e nominal e leitura e escrita, eles tinham maior dificuldades, e obtivemos o resultado materializado no gráfico a seguir:

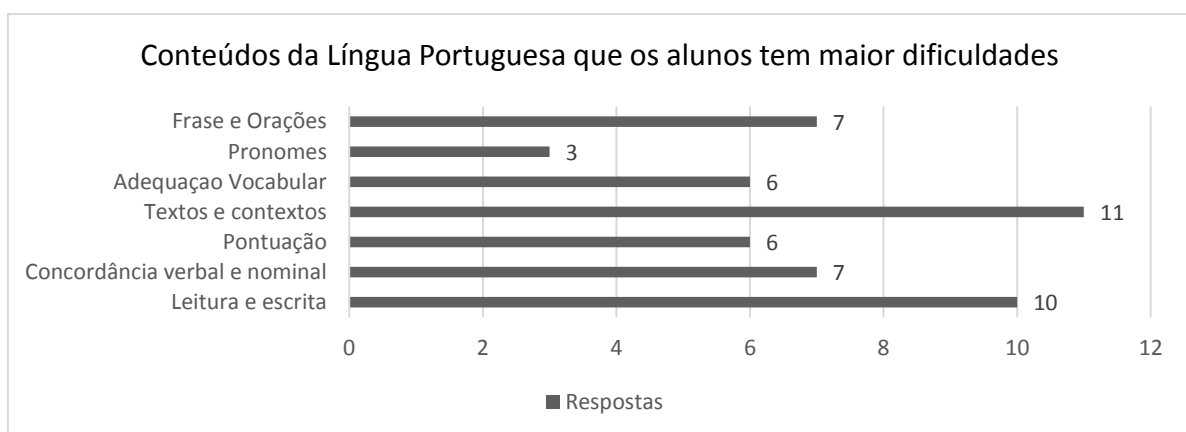


Gráfico 3 – Conteúdo da Língua Portuguesa que os alunos surdos possuem maior dificuldade. Elaborado pelos autores.

Podemos observar que o conteúdo de maior dificuldade apontado por eles é texto e contexto, seguido do conteúdo leitura e escrita. Tal fato ocorre já que o processo de compreensão língua portuguesa para surdos, é diferente da compreensão dos ouvintes. Além disso,

[...] a língua de sinais tem uma estrutura diferente do português, não é fonêmica, como a escrita. Ou seja, “bola”, tanto na língua de sinais quanto na fala ou na escrita do surdo, pode representar um “bloco cristalizado”, e não (b+o=bo)+(l+a= la). A segmentação das palavras orais ou escritas para o surdo não tem significado. O conjunto e o contexto são importantes. A memória visual da palavra pode ser evocada no momento da produção de um texto escrito. A segmentação escrita, a correspondência fonema\grafema,



A quinta questão foi objetiva de múltipla escolha e nela perguntamos o que mais dificultou a aprendizagem da Língua Portuguesa (LP) até hoje. As respostas foram tabuladas em que tivemos como resultado o seguinte gráfico:

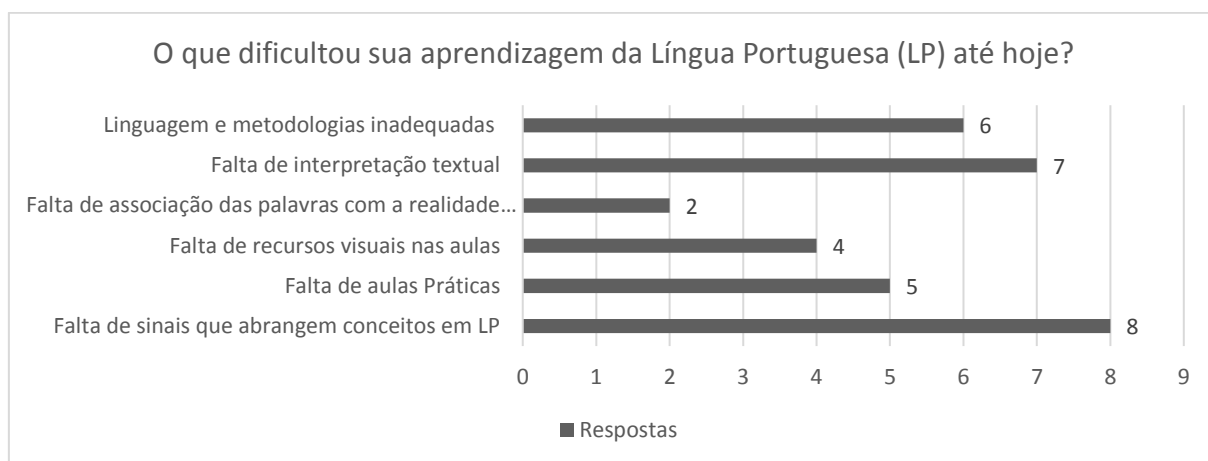


Gráfico 4 – A dificuldade da aprendizagem do surdo quanto a Língua Portuguesa. Elaborado pelos autores.

Como podemos observar a maioria dos alunos responderam que o que dificulta a aprendizagem da Língua Portuguesa é a falta de sinais que abrangem os conceitos dessa língua. Tal aspecto nos faz refletir sobre a importância de termos sinais que possuem conceitos, o que para Freitas (2001), Quadros e Karnopp (2004) e Brito (1993), existe uma brecha de terminologias científicas na Libras, fazendo com que se interfira no entendimento de sentidos, dos conceitos científicos ministrado pelos docentes, alunos e intérpretes, com isso trazendo grandes dificuldades no ensino-aprendizagem das Ciências.

Essa brecha não só prejudica o aprendizado das Ciências como também no aprendizado da Língua Portuguesa, pois para o entendimento das palavras os surdos fazem associação com os sinais aprendidos, e sem sinais, sem conceitos, essa dificuldade de aprendizagem das palavras em Língua Portuguesa fica evidente, prejudicando esses sujeitos. E essa dificuldade atinge não só aos surdos, mas também aos intérpretes de língua de sinais– (ILS) que necessitam desses sinais para facilitar o trabalho de interpretação, pois a falta desses sinais prejudica a comunicação e a transmissão os conteúdos por eles interpretados.

E por fim perguntamos o que eles aprenderam da Língua Portuguesa, com sucesso, durante o projeto. Selecionamos três alunos que destacaram:





“Mas eu estou difícil menos no textos, por que escrever muito no texto, só estou treinando escrito em português ainda. Gosto de frase mais, também treinando escrevendo de frase ainda ” (TM).

“Eu aprendi é redação, vogais, preposição e lei no livro. Foi muito bem na sala de aula” (PR).

“ Eu vida aprender difícil porque resumo escrito é frase muito.” (LÇ)

Algumas respostas foram selecionadas para que se possa discutir a pertinência da aprendizagem desses alunos no projeto, e podemos observar que o aluno TM, diz que sua dificuldade com os textos diminuiu, por causa do seu treinamento da escrita em Língua Portuguesa e que gosta de escrever frases, porém ainda está em processo de aprendizado.

Da mesma forma o aluno PR relata que aprendeu redação e mais coisas em sala de aula, mostrando que a escrita de um texto é primordial para esses sujeitos. Já o aluno LÇ relata que em teve dificuldades durante a sua vida em aprender, pois sua compreensão das palavras é resumida e as frases na Língua Portuguesa apresenta uma estrutura complexa de palavras.

O treinamento de escrita de texto proposto em sala fez com que os alunos surdos buscassem melhorar sua escrita, diminuir suas dificuldades e proporciona aos mesmo o anseio em aprender mais e se aperfeiçoar.

Quando o aluno começa a compreender o texto e começa a produzi-lo, a escrita é um processo que se constrói por meio de atividades realizadas em sala de aula e de experiências vivenciadas pelos alunos (QUADROS;SCHMIDT, 2006). É essa compreensão que o projeto buscou alcançar nesses alunos, fazer com que com a prática e compreensão os sujeitos pudessem produzir o texto escrito compreensível para eles e para quem viesse a ler, respeitando suas limitações, pois se trata de uma língua estrangeira para os mesmos.

## **Conclusão**

Essa pesquisa mostra por meio da concepção dos alunos surdos que a Língua Portuguesa na modalidade escrita é importante para esses sujeitos e como eles que aprenderam no âmbito da escrita ao longo de suas vidas não tem sido satisfatório, pois durante o ensino da língua escrita o professor precisa considerar que esses alunos são “estrangeiros” dessa língua (op. cit.), ou seja, mesmo fazendo parte do país onde essa língua é majoritária, sua compreensão não é a mesma que a de um ouvinte, e que precisa ser respeitada essa peculiaridade do sujeito surdo e não tratando-os como inferiores, mas como pessoas de língua e cultura diferente da cultura e língua ouvinte.



Os sujeitos participantes da pesquisa por se tratar de uma turma de alunos considerados adultos, foi possível verificar que esses alunos apresentavam dificuldades na compreensão, leitura e a produção da escrita da língua portuguesa. O projeto de extensão buscou minimizar essa dificuldade com a utilização de uma metodologia que se adequasse as necessidades dos alunos, trazendo atividades práticas e estimulando a leitura e a produção escrita, buscando sempre compreender quais são os conhecimentos prévios e o nível linguístico sobre a escrita, para que se possa sempre que necessário adequar a metodologia de ensino as necessidades desses sujeitos.

De acordo com o exposto pelos participantes da pesquisa pudemos levantar aspectos relevantes ao aprendizado, como a utilização de recursos tecnológicos por meio do uso de redes sociais, como um agente estimulador e facilitador da leitura e escrita desses alunos. Consideramos, por meio da pesquisa, que o projeto de extensão empreendido resultou em uma aprendizagem significativa que segundo Rogers (2001, p. 01) “[...] é uma aprendizagem que provoca uma modificação, quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação futura que escolhe ou nas suas atitudes e personalidade.”

Além disso, em termos sociais, o projeto proporcionou a aprovação de alguns dos alunos participantes do curso tanto na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN quanto no IFRN. Desta forma, o curso de extensão promovido pelo NAPNE, campus IFRN-CNAT atingiu o seu propósito educacional, social e inclusivo.

## Referências

ARCOVERDE, R. D. de L. - **Tecnologias digitais: novo espaço interativo na produção escrita dos surdos** - Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 69, p. 251-267, maio/ago. 2006 Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ccedes/v26n69/a08v2669.pdf> > Acesso em 07/07/18.

BRASIL, **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras- Brasília, 24 de abril de 2002; 181º da Independência e 114º da República. Fernando Henrique Cardoso, publicado no D.O.U. de 25.4.2002.

\_\_\_\_\_, **Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005** - Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília : Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2015.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

KARNOPP, L.B.; PEREIRA, M.C da C. **Concepções de leitura e de escrita e educação de surdos**. In: LODI, A.C.B.; HARRISON, K.M.P.; CAMPOS, S.R. L. de (org.). *Leitura e escrita: no contexto da diversidade*. 2 ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2006.

LODI, Ana C. B. – **Ensino da Língua portuguesa como segunda língua para surdos - Impacto na educação básica**, Ana Cláudia Baleiro Lodi, 2014 In: LACERDA, C. B. F. de; *Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à LIBRAS e educação de surdos – Org: Cristina Broglia Feitosa de Lacerda, Lara Ferreira dos Santos. – São Carlos: EdUFSCar, 2014. 254p.*

LODI, A. C. B.; HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. L., **Letramento e surdez: um olhar sobre as particularidades dentro do contexto educacional**. In LODI, A. C. B., HARRISON, K. M. P., CAMPOS, S. R. L. e TESKE, O. (org.). *Letramento e minorias*. 3a ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração e interpretação de dados**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (2000). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 17ª ed. Ministério da Ciência e Tecnologia. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes. p.22.

QUADROS, R. M.; SCHMIEDT, M. L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC/SEESP, 2006.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa**. 5. Ed São Paulo: Martins, 2001.

SANTANA, A.P. **Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas**. São Paulo: Plexus, 2007.

SOARES, M. **Letramento e Escolarização**. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). *Letramento no Brasil: reflexões a partir do Inaf 2001*. São Paulo: Global, 2003.

STUMPF, Marianne Rossi. **Educação de Surdos e Novas Tecnologias**. Texto Base - Eixo de formação pedagógica, Cursos de Licenciatura e Bacharelado em Letras Libras à Distância.

Florianópolis, UFSC, 2010.